

# A INDIVIDUALIZAÇÃO DO COLETIVO: POR UMA SOCIOLOGIA À ESCALA INDIVIDUAL, DISPOSICIONALISTA E MULTIDETERMINISTA

## THE INDIVIDUALIZATION OF THE COLLECTIVE: FOR A DISPOSITIONAL, MULTI-DETERMINIST AND INDIVIDUAL-SCALE SOCIOLOGY

resenha

Franklin Lopes Silva\*

LAHIRE, Bernard. *Dans les plis singuliers du social: Individus, institutions, socialisations*. Paris: La Découverte / Laboratoire des sciences sociales, 2013, 174 p.

“Ser, é ser diferente”, essa máxima tomada de Benjamin Voutier, pintor e ilustrador que viveu durante quase todo o século XIX, exemplifica o foco sobre o qual Bernard Lahire, professor de Sociologia na École Normale Supérieure de Lyon, se dedica a problematizar em seus diversos graus e escalas. Segue adiante uma apresentação da sua perspectiva analítica e correlata agenda de pesquisas, de certo modo sintetizada no livro ora resenhado.

Imbuído sempre de uma verve exigente quanto à imprescindível junção entre a atividade teórica e os estudos empíricos, o au-

tor se desvencilha aqui dessa premissa e se permite ao destaque de alguns pontos conceituais fundamentais retomados de sua produção bibliográfica que, embora vasta, prossegue em desdobramentos de um mesmo fio condutor, a saber, as condições sociais de produção das disposições individuais, ou, como bem sintetiza o título do livro, as dobras singulares do social.

Suas investigações dedicadas ao que tem denominado por uma “sociologia à escala do indivíduo” têm suscitado uma série de pesquisas recentes atentas às dinâmicas de constituição de “individualidades”, to-

\* Doutorando junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFMA (São Luís/MA/BR). [franklinlopes@gmail.com](mailto:franklinlopes@gmail.com).

mando por fundamento as relações de interdependência entre os condicionantes sociais e os processos de incorporação dos modos de agir diferenciados, conduzindo-os à análise do que comumente se tende a tomar por particularidades “individuais” como “escolhas”, “decisões”, “gostos” etc., enfatizando a complexidade das relações entre a diversidade das experiências socializadoras vivenciadas pelos “indivíduos” (familiares, profissionais, religiosas, escolares etc.) e os constrangimentos constituintes dos contextos das ações.

Dito de maneira abreviada, para Lahire a metáfora dos estados “dobrado” e “desdobrado” do social significam que “o mundo social não se apresenta somente como realidades exteriores (coletivas e institucionais), mas que ele existe também em estado dobrado, quer dizer, sob a forma de *disposições* e competências incorporadas” (p. 14). Essas dimensões não se opõem, mas se ocupam de pontos de vista complementares sobre o mundo social. Assim, ele propõe que se faça um duplo movimento analítico, sincrônico e diacrônico, composto por um entrecruzamento das condições estruturantes dos contextos, passando pelos constrangimentos e interesses coletivos em comum, formadores (no sentido forte do termo) desde os “grupos” às variações possíveis que constituem os “indivíduos” e suas histórias relativamente singulares.

Porém, opondo-se a essa perspectiva analítica, uma grande soma de autores também o têm tomado por alvo de críticas vigorosas, principalmente no que tange à ênfase por ele sustentada acerca da importância das instâncias institucionalizadas nos processos de socialização, legando à noção de indivíduo a concepção de um “produto de relações de interdependência, passadas e presentes, nas quais ele é inserido e que este, o indiví-

duo, a elas mesmas contribui para fazer existir como tais” (p. 41).

Entremeio a respostas às críticas sofridas, Lahire segue apresentando também ao leitor o percurso investigativo que o conduziu ao desenvolvimento das noções de estados “dobrado” e “desdobrado” do mundo social, demonstrando o problema analítico que tem desenvolvido ao longo do seu trajeto acadêmico: “por quais operações o exterior se dobra ao interior e como se organizam, em cada indivíduo e nas suas relações com os diferentes contextos estruturantes da sua ação, os produtos das suas dobraduras?” (p. 14). Essa concepção, muito embora não se pretenda inovadora, posto que permeia grande parte do trajeto do pensamento sociológico e encontra provavelmente a sua forma mais acabada a partir dos trabalhos de Norbert Elias, tem sido ainda a pedra de toque nos embates teóricos internacionalizados acerca da balança indivíduo/sociedade.

A opção analítica adotada por Lahire tem tido como principais opositores os filiados à defesa do que se tem denominado (nesse caso ironicamente) a “escalada do individualismo” entre os sociólogos, à qual se encontra vinculado um amplo secto de autores aglutinados sob a defesa de noções como “individualização da cultura” e “desvalorização das grandes instituições simbólicas”, enfaticamente pelo que se autodenominam, ou são assim classificados a partir de suas aproximações analíticas, “pós-modernos”.

Não se trata, todavia, da primazia a um nível “macrosociológico” afeito às determinações econômicas, à maneira de Marx (por exemplo, como constituintes das relações sociais), nem de uma aproximação estruturalista que lhe faria tender à verificação das possibilidades de transferibilidade do *habitus* (nos moldes de Pierre Bourdieu),

ou de um investimento sobre um nível mais interacionista e fenomenológico legado por alguns destaques da chamada Escola de Chicago (como Erving Goffman). É uma via paralela a esses modelos a que orienta as motivações de Lahire à produção desse livro. Dedicar-se a esclarecer frequentes equívocos no que tange às apropriações que faz do legado fornecido pelas ciências sociais e áreas afins, como a história e a psicologia, no mesmo passo apropriando-se e opondo-se ao que julga pertinente ou superável, desde os chamados “clássicos” ao que contemporaneamente se tem produzido.

### Plano da obra

O livro é composto por quatro capítulos, dedicados a pontuar cada um dos problemas elencados acima. Dessa forma, tem início com o título “De l’individu libre et autonome: retour sur un mythe contemporain”. Aqui, Bernard Lahire destaca as contradições que, segundo ele, presidem grande parte da produção sociológica afeita à pertinência e aplicação da noção de individualismo, ironicamente tratada como “*robisonnades*” – por referência ao seu cognato Robinson Crusoe, ficcionado por Daniel Défoe –, isso para ilustrar suas críticas feitas ao pretensão descolamento da figura do “indivíduo” exercido por eles em relação às condições sociais de existência, escusando-nos pela utilização desse termo bastante generalista.

Nessa leva, destacam-se autores como Henri-Mendras, sobre o qual ironiza a noção de “escalada do individualismo”, semelhantemente a Olivier Galland e sua perspectiva de “individualização dos modos e das escolhas culturais” (p. 26), assim como ao cientista político Pierre Brechon e sua concepção de que as instituições (familiares, escolares, culturais etc.) teriam entrado

em declínio e que os coletivos (grupos, comunidades etc.) se encontrariam subsumidos aos comportamentos individuais. Segue sua lista de alvos com François Dubet, também em acordo com o declínio dos programas institucionais e sua decorrente “obrigação de ser livre” e François Singly por sua concepção de um renascer da “natureza profunda” do indivíduo e do “mito da interioridade” (p. 29).

Lahire critica nesses, e em outros tantos, o que segundo ele seriam equívocos epistemológicos, dado o alto grau de associação entre seus objetos de pesquisa, e suas reflexões, e o *efeito performativo* de seus ensaios de pretensões analíticas “que contribuem a fazer advir o que ele pretende descrever” (p. 35) – noção notadamente apropriada dos trabalhos de Pierre Bourdieu.

Desenvolve o capítulo enfatizando o peso das condições sociais nos processos de “individualização”, mencionando exemplos de conclusões de pesquisas desenvolvidas por autores como Michel Foucault, Mary Douglas e Norbert Elias, acionando Durkheim para lastrear sua tese de que as lutas pela distinção individual, ou, mais precisamente, as lutas para existir como um indivíduo singular, resultam da divisão social do trabalho e da diferenciação social das funções que “multiplicam os lugares de ‘concorrência’ (política, escolar, esportiva, religiosa, artística, científica, econômica etc.)” (p. 52), conduzindo à multiplicação dos princípios de luta, distinção social e desigualdades entre os indivíduos componentes de um mesmo contexto.

No segundo capítulo, “Individu et sociologie”, Bernard Lahire apresenta em síntese os pressupostos e conclusões analíticas fundamentais que nortearam o desenvolvimento de uma de suas principais “obras”, “O homem plural”. Aqui a ênfase recai so-

bre a problemática das implicações sociológicas decorrentes dos usos de diferentes escalas e variações de análise relacionadas, respectivamente, a dimensões mais amplas e gerais e outras mais específicas, intrassociais e interindividuais, apontando o trajeto da sociologia na apropriação dessas dimensões de análise e graus de variações comportamentais. Faz isso sempre atento às exigências de vigilância epistemológica acerca dessas variações de escala, atentando ao risco de se tomar por substâncias dimensões da vida social que tais categorias pretendem abarcar analiticamente.

Ainda no segundo capítulo o autor dá continuidade ao investimento sobre a apresentação do seu projeto científico, enfatizando que o foco sobre a escala individual não deve ser confundido com uma investigação do individualismo e que a sua atenção voltada para a dimensão disposicionista não deve ser atrelada a um interesse de tipo subjetivista. Aqui, como no capítulo anterior, a ênfase se direciona às condições sociais de produção dos modos de vida dos “indivíduos”, das variações intraindividuais e interindividuais dos comportamentos (indissociavelmente plurais), no que tange às suas dimensões disposicionais e coletivas. Nesse passo, investe na indicação do que seriam em Durkheim (e entre os durkheimianos) um erro de raciocínio ao considerar que o indivíduo corresponderia a um tipo de realidade (orgânico-psíquico), o que os leva a confundir, “por conseguinte, ‘coletivo’ e ‘social’ em lugar de recolocar em dúvida a ideia mesma de consciência individual desconectada de toda forma de vida social” (p. 79).

No terceiro capítulo, “La fabrication sociale des individus: cadres, modalités, temps et effets de socialisation”, o autor dá ênfase ao conceito de *socialização*. Noção

esta que já fora desenvolvida de forma mais aprofundada em outras publicações suas, a exemplo da “L’homme pluriel (1998)”, e mesmo já tendo discutido de modo mais intenso e levado ao cume as “razões do improvável” que dela resultam em seu “Tableaux de familles (1995)” – equivocadamente traduzido em sua edição brasileira por “Sucesso escolar em meios populares”, haja vista ser a dimensão escolar uma dentre outras formas de socialização que contribuem para a produção de efeitos disposicionais não calculáveis e plenamente variáveis entre os indivíduos, ainda que inseridos no mesmo contexto familiar.

Destaca aqui a necessidade premente de aprofundamento da noção de *socialização*, para além de um mero argumento retórico, realçando o dever sociológico de torná-la mais precisa. Descreve e analisa os “quadros (universos, instâncias, instituições), as modalidades (maneiras, formas, técnicas etc.), os tempos (momento em um percurso individual, duração das ações socializadoras, grau de intensidade e ritmo de suas ações) e os efeitos (disposições a crer, a sentir, a julgar, a se representar, a agir, mais ou menos duráveis) de socialização” (p. 117). Destaca que tal efeito multiplicador de possibilidades, correlacionadas à condições de socialização, será tanto maior quanto mais complexas e diferenciadas forem as estruturas sociais que compõem os contextos em que tais indivíduos transitam e nos quais são socializados.

E, por fim, em seu quarto capítulo, “Le cerveau disposé”, sua atenção recai sobre o trajeto desenvolvido pelas ciências sociais acerca das investigações atentas à dimensão cognitiva, ou, para ser ainda mais fiel ao autor, *disposicionista*, dedicando-se às investigações que desenvolvera sobre a noção de “passado incorporado (os produtos da so-

cialização passada)” (p. 137). Seu intuito aqui é demonstrar o investimento realizado por ele para a constituição e refinamento de um modelo analítico que tem lhe permitido investigar os efeitos das lógicas de socialização sobre o que ele vem categorizando por estado “dobrado”, referente ao nível mais individualizado de suas análises e grau mais específico dos processos de socialização.

Conclui assim um panorama que demonstra as dimensões analíticas e os níveis de investigação que têm orientado o desenvolvimento de sua agenda de pesquisas, atento fundamentalmente às implicações práticas e indissociáveis das múltiplas disposições incorporadas e às multideterminações que recaem sobre os indivíduos como efeitos de suas vivências a lógicas diferenciadas de socialização, ainda que aqui sem um demorado esforço de demonstração mais ampla dos referenciais teóricos que lhe amparam, trabalho já realizado por ele de forma mais abrangente e aprofundada em duas outras publicações suas, “L’homme pluriel: les ressorts de l’action (1998)” e “Monde pluriel: penser l’unité des sciences sociales (2012)”.

Recebido em: 14/02/17

Aprovado em: 08/05/17

